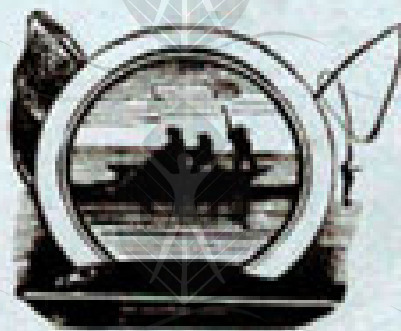


MANUEL ONOFRE

Professor de Direito

AMAZÔNIA

O papel decisivo do Mal. Taumaturgo
de Azevedo na questão do Acre.



Rio de Janeiro – Guanabara

1968

Nascido no Amazonas, com a ascendência paterna nordestina. No Recife, foi orador da turma de 1916, do Gin.^o Aires Gama, e um dos fundadores da Sociedade Literária Alvares de Azevedo e da Diretoria, com Joaquim Inojosa e Lins do Rêgo. No Rio, diplomou-se pela Fac. Nac. de Direito e foi redator-auxiliar do matutino "O Brasil", com as figuras atuantes de Alberto Nunez, Frederico Barata, Brasil Gerson e Neves Manta, Advogado; deu aulas de Direito na Acad. de Comércio Frederico Ribeiro e no Curso Santa Rosa. — No Rio G. do Norte, no governo do dr. José Augusto; professor do vernáculo na Escola Normal de Mossoró, quando publicou "O português ao Alcanee de Todos", bem recebido pelos filólogos Cônego Pedro Anísio, da Paraíba; Júlio Pires, do Recife; Garcez Froes, da Bahia; Sá Nunes, do Paraná, e o registo de João Ribeiro, como livro didático, e, ainda, Delegado Auxiliar e Regional da Segurança Pública e redator de "A República"; em Minas Gerais, promotor de justiça, no governo Antônio Carlos; em Alagoas, foi um dos fundadores da Associação de Imprensa e da Faculdade de Direito (cadeira de direito judiciário criminal), quando publicou a monografia sobre o "Rio Juruá", acolhida por Moreno Brandão e Carlos Chauvin, na imprensa carioca; em S. Paulo, um dos fundadores de "O Imparcial" e do Instituto de Educação Fernando Costa, em Presidente Prudente; no Acre, consultor jurídico da Prefeitura de Cruzeiro do Sul; em Goiás, Procurador de Justiça do Estado, além de outras atividades.

Autor dos seguintes livros:

- I — *O Português ao Alcanee de Todos*;
- II — Palestras esportivas, com motivos colhidos em obras literárias e visando aos princípios mais altos da eugenia;
- III — *Livro Azul*, contendo crônicas mundanas e literárias lançadas na imprensa do Rio e do Norte;
- IV — *Nos Templos de Hiram*, de pesquisas históricas sobre a influência da Maçonaria nas principais nações da Europa e da América;
- V — *Amazônica*, monografia sobre o Rio Juruá;
- VI — Pareceres jurídicos em revistas de direito e
- VII — Intelectuais do extremo-norte, conf.^a em Minas Gerais.

MANUEL ONOFRE

Professor de Direito

*So illustre Professor
Agnelho Bittencourt, com
mestre das letras, com
generaes e secretar de re-
nome nacional, com
afago e admiração
de Manuel Onofre
26/5/41 - Rio*

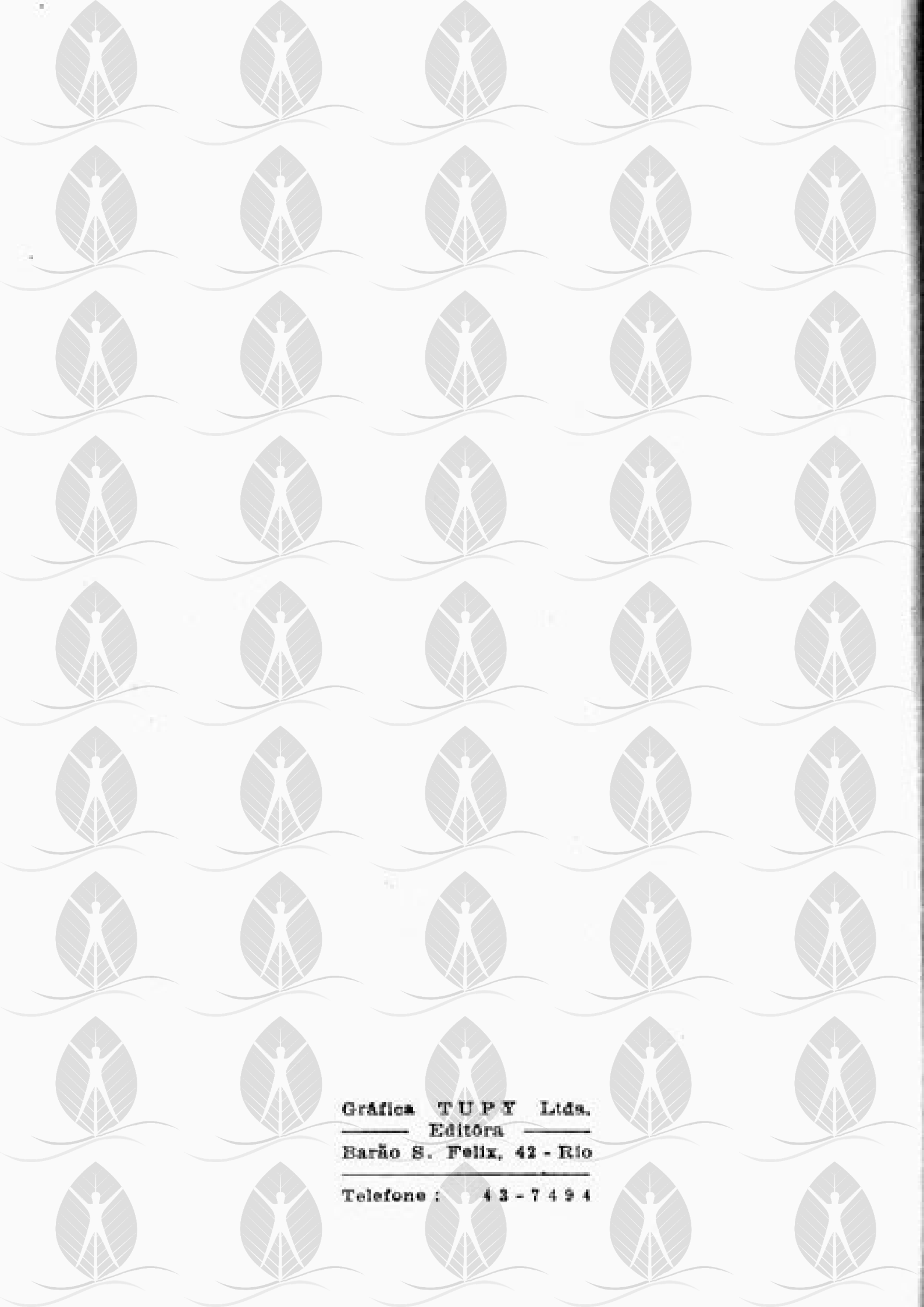
A MAZÔNIA

O papel decisivo do Mal. Taumaturgo
de Azevedo na questão do Acre.



Rio de Janeiro — Guanabara

1968



Gráfica TUPY Ltda.
— Editora —
Barão S. Felix, 42 - Rio
Telefone : 43 - 7494



1920. *Ao centro e à paisana, o marechal Taumaturgo, candidato, pela segunda vez, ao governo do Amazonas, em flagrante de grande recepção popular.*

“À memória de Gustavo Barroso, Moreno Brandão e Carlos Chauvin, que acolheram minhas pesquisas sôbre a Amazônia.

A Glauco Carneiro, pelas suas autorizadas referências em sua festejada “História das Revoluções Brasileiras”, a Artur Reis, o máximo historiador do Amazonas e continuador da causa nacionalista de Artur Bernardes contra a desintegração da Amazônia, como a Leandro Tocantins, grande historiador do Acre e de elegante estilo, nas pesquisas sôbre a atuação de Euclides da Cunha, o autor de “À Margem da História”, O. D. e C.

o Autor

MARECHAL TAUMATURGO DE AZEVEDO E SEU PAPEL DECISIVO NA QUESTÃO DO ACRE

Pelo Prof. Manuel Onofre

Pela perda do culto dos grandes homens do Brasil, desconhece a geração atual os valores do nosso passado, especialmente no parlamento e nas lutas pela modelação do nosso território.

Até à revolução de 1930, os jovens mantinham acêsa a chama dessas evocações dos que, antigamente, se chamariam os **Pais da Pátria**.

E houve fatos assim surpreendentes: um Irineu Machado, orador parlamentar de rara cultura, que enchera tôda uma época, depois de ter combatido a candidatura do politico de gênio, que subiria ao poder como ditador, seria lançado ao ostracismo e valeria, naquele longo período, como um intelectual morto-vivo, admitido apenas a continuar em sua cátedra de legislação industrial, no final da vida.

Urgia varrer do cenário a chamada liberal-democracia, regimen em que predomina a liberdade de pensamento e, mais típicamente, o direito à opposição política em sua plenitude, na praça pública e na imprensa, inclusive no cortejo de seus excessos, sem dúvida.

Não cabe, assim, às gerações universitárias a culpa do desconhecimento dos valores mais atuantes da vida pública do passado do Brasil.

Não se lhes pergunte, por exemplo (até 1930), quem foram Barbosa Lima, Paulo de Frontin, Maurício de Lacerda, Serzedelo Correia, Castro Pinto, Alfredo Ellis, Quintino Bocaiuva, João e Otávio Mangabeira, José Joaquim Seabra, Pedro Moacir, Lauro Sodré, Lauro Müller, sem se pretender alongar a extensa lista de expressões.

Rui Barbosa sobrevive no “Dia da Cultura” e nas contribuições do Direito, como Epitácio Pessoa, que atingiria a Presidência da República e a Côte de Versalhes.

Na Revolução de 30 viriam os germes dos chamados regimes de “direita” e de “esquerda”, com a vocação auxiliar da hipertrofia do executivo, como inarredável condição de reforma radical dos costumes políticos e de cumprimento de um largo programa a longo prazo, de que o modelo, no mundo, seriam os planos “quinqüenais”.

Para não falar da remotíssima Guerra do Paraguai, cujos heróis — auxiliares dos grandes chefes, dos combates contra Lopez, já repousam no esquecimento: é bastante citar a Revolta da Esquadra de Custódio de Melo e de Saldanha da Gama nos começos da República, sem a gloriosa evocação a que faziam jús.

E que dizer dos modeladores do território do Brasil?

A parte o insuperável Rio Branco, sem as linhas gerais de sua obra, não é de admirar que outros não sejam nomes familiares.

Traçarei, pois, o esbôço da biografia do Mal. Gregório Taumaturgo de Azevedo, o demarcador das fronteiras da Venezuela, o governador do Piauí e do Amazonas, o presidente da comissão de Limites com a Bolívia, que criara a chamada “Questão do Acre”, preferindo exonerar-se a seguir uma interpretação do Tratado que feriria de morte a cidadania duns 50.000 brasileiros, que ocupavam, com seu labor, a rica região, também disputada pela mesma Bolívia, como pelo Peru.

Frizo, desde logo, que, para a sua corajosa iniciativa de dissentir da interpretação oficial do Tratado de 1867, contribuira, ao lado de sua competência de engenheiro militar e supervisor das fronteiras, a circunstância de ser, como bacharel em direito, imbuído da intuição jurídica do complexo problema a resolver.

Sua atuação como Governador do Piauí

Em sua obra de polêmica, especialmente na análise dos atos da vida pública, sua e do general Dionísio Cerqueira, que, a seu ver, não lhe prestigiara a denúncia dos prejuízos para o Brasil no programa das Instruções recebidas para a linha demarcatória com a Bolívia, encontram-se dados de sua atuação como governador, no início da República.

Assim, prestigiado por suas tradições na comissão demarcadora dos limites com a Venezuela e seu currículo militar, deixara o cargo, precisamente, de diretor das obras militares em Pernambuco e, logo depois, do seu curso na tradicional Faculdade de Direito do Recife, investira-se nas funções de governador de seu Estado natal o Piauí, donde se ausentara há longo tempo e, livre de influências locais,

iria, com imparcialidade e o seu tino administrativo, a 24 de dezembro de 1889, contribuir para os seus benefícios.

Sabia, dantemão, “da situação aflitiva do Estado”.

Relata que não eram pagos os credores, nem o próprio funcionalismo. Verdadeira situação de descrédito e insolvência.

E, para sanar tais males, conseguira um empréstimo de 500 contos de réis na moeda da época, importância, então, avultada, mediante lei providencial e sob os bons officios do ministro da Fazenda do generalissimo Deodoro da Fonseca, o dr. Rui Barbosa, operação levada a efeito entre o Tesouro e o Banco do Comércio,

Eram ministros da agricultura o general Francisco Glicério e da guerra o dr. Benjamin Constant.

Com os mesmos, conseguira ajuda para a criação de um núcleo colonial, a efetivação de estudos visando a melhoramentos na foz do Parnaíba, rio principal, e de um edificio para sede, ao tempo condigna do quartel do 35.º batalhão de infantaria, por êle organizado.

E ainda aduz que, naqueles recuados tempos, reunidos, os auxílios discriminados subiam à elevada importância de 800 contos de réis, sem nela incluir a receita ordinária.

Não resistiria, porém, êle o confessa, ao dificultamento de sua obra administrativa por cêrca de 4 grupos políticos, não satisfeitos na distribuição de cargos por todos êles, cada qual querendo ser o partido dominante e com tendências oligárquicas (DE FUTURO COMBATIDAS, SÓ NA FASE DISTANTE DO PRESIDENTE HERMES DA FONSECA).

Teceram-lhe intrigas na política central, a ponto de terem se estremecido suas relações com Benjamin Constant, que debalde pedira a demissão de Taumaturgo a Deodoro, pelo que se passara para a pasta da instrução.

Ainda depois de esclarecidos os fatos, o biografado, não obstante o apóio de Cesário Alvim, ministro do interior, e do dr. Portela, governador do Estado do Rio, preferira deixar a administração, já feitas as pazes com Benjamin Constant.

Data daí seu rompimento com Dionísio Cerqueira, seu companheiro e amigo ãa comissão da Venezuela, porque soubesse estar entranhado na urdidura da opposição do Piauí.

E isso lhe custaria as futuras injustiças de Dionísio, como Chanceler brasileiro.

É o que se resume, em linhas sem pormenores, de suas próprias revelações autobiográficas. Governara eficientemente sua terra, mas

por alguns meses, e tivera o lenitivo da plena confiança de Deodoro — eis a verdade.

Dionísio não seria, no entanto, o seu sucessor, e sim o coronel Valadão.

Sua Gestão á frente do Estado do Amazonas

Seu nome se impusera no Estado, desde os seus serviços nos limites com a Venezuela e na qualidade de comandante geral das fronteiras do Norte e, também, inspetor das fortificações daquela unidade setentrional.

Dêle partira a idéia de colonização militar em nossos limites e da indispensável guarnição militar em Tabatinga.

Note-se ter sido eleito chefe do executivo amazonense, em junho de 1891, com a circunstância de ter estado ausente, vindo a empossar-se a 10 de setembro do ano referido.

Suas características foram as de probidade, fiscalização geral dos serviços públicos, corte nas despesas supérfluas, zêlo e eficiência dos servidores, tendo programado o desenvolvimento da terra a seu cargo.

Manaus era uma cidade que peecisava de planejamento.

E Taumaturgo, não podendo prever a desgraça de Deodoro e a subida de Floriano, com a queda geral dos governadores (com exceção de Lauro Sodré), primeiro puzera em dia o funcionalismo, pagara tôda a dívida interna, no vultoso valor de 2.300 contos de réis, no exíguo prazo de 6 meses, e ainda deixara o saldo, surpreendente, de 2.023 contos de réis.

Numa terra de hábitos faustosos na sociedade e no govêrno, aonde muitos iam ter na esperança da fortuna rápida, não raro fiados nos favores públicos, e de vocação das mais oligárquicas, — Taumaturgo foi o Campos Sales amazonense, que entregou a administração em dia, sem dívidas e com “superavit”, e nos hábitos de arrecadação sem favoritismo, ao Rodrigues Alves local, o engenheiro Eduardo Ribeiro, que transformara a “capital-baré” em modelo para o país: “Manaus é um bairro elegante de Paris, implantado na Amazônia”, comentaria João Ribeiro.

Floriano, “o major duro de roer”, como dizia Saldanha da Gama, antes de assestar contra êle os canhões da esquadra, era um modelo de honestidade, e é quase incompreensível tivesse autorizado seus correligionários amazonenses a intimidarem Taumaturgo, o mais proibido de todos os governadores daquela unidade — a deixar os seus grandes dias administrativos.



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**